





THIJA SVALBON SVARTHA



ro, se bem que menos sonoro já; muito menos sonoro as vezes. Primeiro toque: matinas. Vamos já para a repartição ou levar os pequenos ao collegio; pagar o camarote de assignatura ou fazer uma recommendação — modista da senhora. Segundo toque: vésperas. Anuncios de velhice, uma dorzinha rheumatica, o primeiro callo, talvez o primeiro cabello branco, tam bem.

Onde estas tu, Gabriel? Repica-mo bem esse sino, que ja vou tendo sede de musica.

Cincoenta annos: sino pesado e molleugo, como os sinos grandes das ses. que ja dão uma volta com difficuldade nas quatro festas do anno. Voz forte, pausa da e grave, que tem o que quer que seja de dobre, mesmo se quer repicar. Doenças chronicas, talvez um excesso de coração, alguma coisa de fígado, ou, peor ainda, alguma coisa de toda a parte.

O Gabriel! o que tem o sino? Vai-me arripiando os ouvidos. Ve-la se o tanges com gana.

Sessenta annos: dobre quotidiano, por este, por aquelle, por todos os que parece que ja estão chamando por nos. Ja não ha casamentos na parochia da nossa alma, e muito menos baptizados. Quem dera isso! Nem o melomeno Gabriel seria ja capaz de puxar um repiquesinho muito brando e commedido, coisa que passasse no ar rapidamente. O Gabriel! ó Gabriel!

Não responde. Anda por outras parochias a repicar alleluas, paschoas floridas, hymnos da Assumpção das almas que sobem ao ceo nas azas da esperanza.

Sessenta e annos (supplemento litterario) Sessenta e roupinh... O Gabriel, diz-me uma coisa. se aquelle tanzer é ja por mim ou por outro? Tenho medo! tenho frio! ó Gabriel, o sineiro incansavel de todos os tempos, tu deves conhecci bem o fallar dos sinos: diz-me se chama por mim ou por o velho all de fronte.

Que estrudão! que frialdade! Quem me dera ao menos, antes de morrer, tornar a ouvir um sino alegre, que fallasse jubilos, que repicasse venturas! O Gabriel, tu podes conseguir-me isso ainda, que seja por uoin-nitos, por um momento so que seja?

E lá de longe, muito de longe, Gabriel, o eterno sineiro, responden:

— Posso' sim.

— Pois laze-o, e serei ainda feliz.

E então se ouvem repiques festivos n'um campario visinho, que ja não é bem o da nossa freguezia, mas que em todo o caso não fica muito longe de nós. D'envolta com a voz do sino perpassam visoes brandas, de veus de noivado, tulles roçagantes, grinaldas de flôr de laranja. Fremem, n'um ecco longiuco, palavras doces, segredos de amor, beijos que tem musica e mel. Dlim, dlim! O Gabriel, ha quanto tempo não ouvia eu ja este sino! O que é isto? este repique vibrante, que poz ainda algum calor na minha carne fria, na minha alma ainda mais fria do que a minha carne!

— E' o teu neto que vai casar.

— Ah! Gabriel, se é o meu neto que vai casar, ja não tenho mais que fazer na terra, porque, se eu tei-

masse em viver, ninguém se entenderia com os grãos de parentesco na minha familia.

Adens, Gabriel, tange o seu eterno sino. repicahem bem as alegrias e as paschoas, reforça os voltos, apressa o anclamento, para que todas as almas que florescem ainda na mocidade possam compenetrar-se de que e essa a unica idade feliz em que a vida vai...

D'ali a pouco... dlim, dlim.

Dizem os visinhos:

— Quem morreu, sabes?

— Foi o avô daquelle rapaz que casou outro dia.

— Então era ja muito velho; viveu o que tinha a viver.

— Ninguém cá fica: esta visto.

Diz o noivo:

— Coitado de meu avô!

Diz a noiva:

— Tenho enquiço. Noiva e vestida de preto!

Diz a mãe da noiva:

— O' menino, o teu avô bem podia ter morrido em outra occasião.

Dlim, dlim; dlim, dlim.

Pois esse velho que alli vai agora morto, ceicado de gatos-pingados, que é o primeiro vexame da morte, e de dons dons, que é maior tristeza della, ouviu durante a vida soar diversos sinos, repiques, hymnos, agonias, dobros, e, por fim de contas, todos esses sinos juntos faziam um só, que era a sua alma — a alma delle em diferentes epochas da vida.

O velho Chateaubriand, tu achaste poesia nos sinos: mas se procurasses melhor, e n'isso é que tu envelheceste apenas, terias encontrado uma philosophia inteira.

Ah! eu gosto muito dos sinos, porque são philosophos que não maçam a gente porque e levam menos tempo a ouvir que os livros a ler, e porque finalmente, dizem tudo o que se passa dentro em nos.

O caso é sabel-os ouvir.

Abençoada seja Braga, na escuridão, por que ella fabrica sinos.

ALBERTO PINENTEL.

## Adoravel

Tem o frescor suave dos arminhos  
Na pelle fina, pallida e formosa;  
O seu labio é uma pétala de rosa;  
Sua voz um sorgear de pas-arinhos.

Na cintura gentil dançam carinhos  
Não ha face mais bella ou graciosa;  
E' um caliz de lyrio a mão mimosa;  
Tendo coraes na ponta dos dedinhos.

Seu sorriso — onde brincam travessuras  
Assemelha-se ao rocio em gotta triada  
Tremendo do caladium nas nervuras.

E o seu olhar?! O' fantasia alada!  
Calae vossas canções, vossas pinturas.  
Que não se pinta a luz d'uma alvorada.

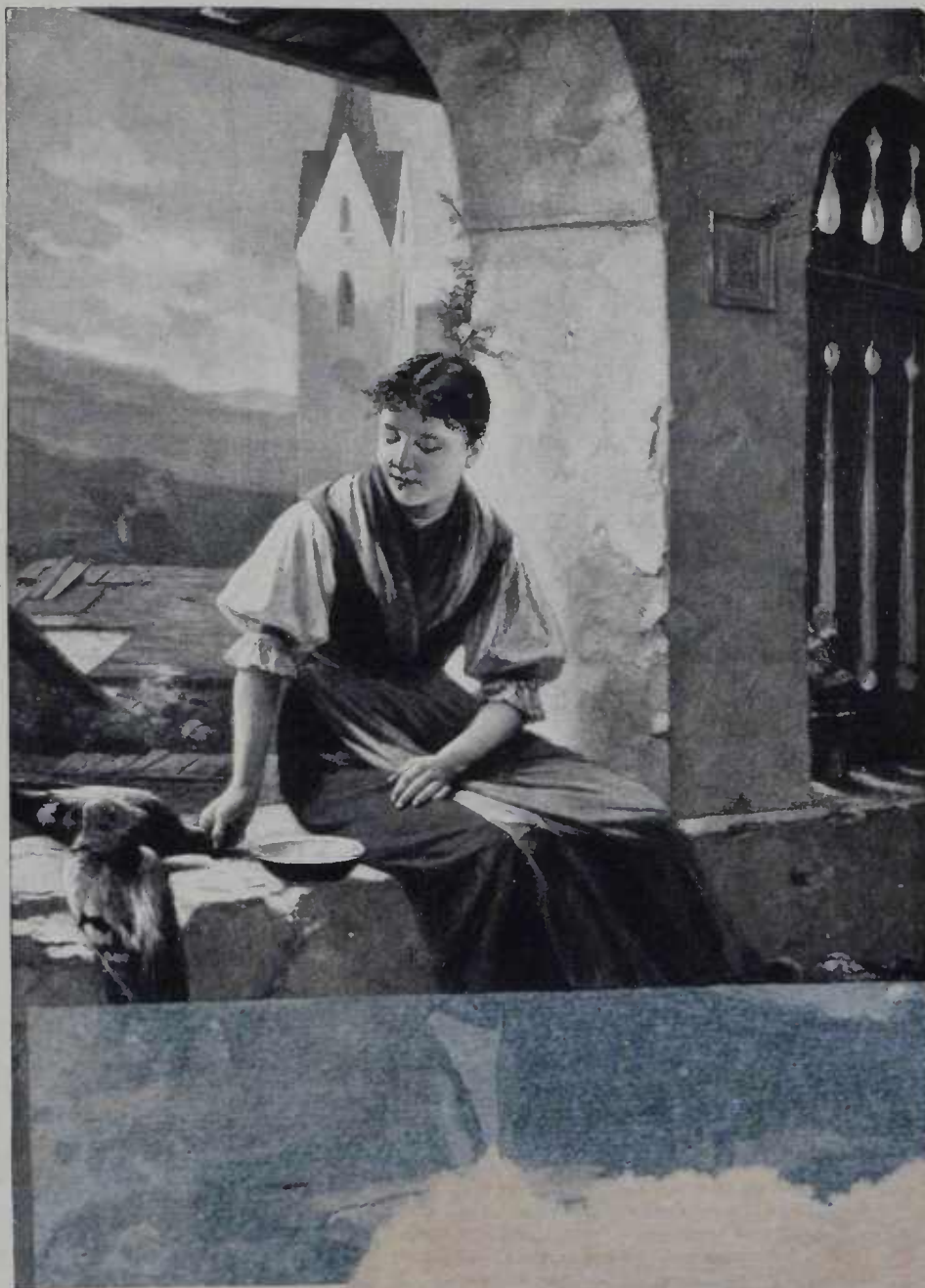
Niteroy: 1900.

A. AZAMOR.

## Patria Uruguaya

Poucos homens houvera, em cujo espirito não se encontre radicada uma grande inspiração. E a nossa não tem exigencias impossiveis: — vel-a e nos satisfeita no dia em que nos fór permitido oprazer de pisar essa estrangeira terra abençoada, onde a alma brazileira palpita com toda a vehemencia do mais sadio patriotismo.

Esta predilecção suggestiva que votamos ao Estado Oriental do Uruguay pôde ser influenciada por algumas sympathias immercidas com que fidalgos patrioticos nos distinguem. Mas essas alicieções não bastam para explicar o nosso enthusiasmo. E' que acima dellas existe o sentimento de uma decidida e profunda admiração, que nos inspiram os actos incessantes de patrioticos tão illustres, porquanto cada qual em prolongar além fronteira essa vida, esses costumes,











E envolvi em algodão o cadaversinho lanudo e dei-lhe sepultura alli mesmo debaixo da mangueira.

La em cima, desolado na sua resignação, o outro estava immovel, como lirto de espanto e sabendo se então que não é unicamente a luz das Manhãs o bem que faz cantar !...

Dali em diante, os seus hymnos eram outros hymnos.

Di-se-lhe que tinha um tom de preiza preciosa o seu canto amargo e que tem metade de noite apelles dias...

Mas não deixou de cantar. Pelas manhãs, muito cedo, eu continuei a soluçar com a avezinha. Chegava-se mais a janella, como se tivesse comprehendido meu coração e como si eu quizesse pedir que lhe restituísse a luz, a sua luz do Dia...

Hontem quando senti fora a borrasca, alta noite, tive presentimentos que me apertavam o Coração.

Meu Coração não me enganava: eu nunca mais ouviria cantar o canario vivo!

ELVISTO DE CARVALHO.

Do livro « Alma Antiga ».

### Florões

IDA

Para a porta ilo — pallida e bella,  
Ida as Azas levanta e as nuvens corta,  
Corram os anjos... E a criança morta  
Foge dos anjos namorados d'ella.

Longe do amor materno, o ceo qui importa?  
E o pranto os olhos limpados lhe estrella  
Sob as rosas da candida capella.  
Ida soluça ao ver abrir-se a porta...

Quem lhe derá de novo o escuro canto  
Da escura terra, onde a soffrer sozinha,  
Uma coração de mãe desfaz-se em pranto!

Cerra-se a porta, os anjos todos voam...  
— Como fica distante aquelle ninho  
Que as mães adoram mas amaldiçoam!

OLAVO BILHO.

### AMA!

Dizes que esperas ser feliz; mas como,  
Se tu nem pensas no que seja o Amor?  
— Esse doce e celeste pomo,  
Que é sempre doce!... até na propria dor!

Tanta miseria que este mundo encerra!  
Tanta amargura a vida humana tem,  
Que e só possível ser feliz na Terra  
Quem do Amor nutre dentro d'alma o bem.

E' que no Amor unicamente existe  
A enorme força que supplanta o mal!  
Quem ama, a tudo quanto é dor resiste,  
E torna o Lar ao Paraizo igual!

E amar, é ter o coração aberto  
Pra tudo quanto é generoso é bom!  
E' sentir longe, como se ouve perto,  
Da voz amada o commovente som!

Amar, é ter o coração aberto  
Pra tudo quanto é generoso é bom!  
E' sentir longe, como se ouve perto,  
Da voz amada o commovente som!

Amar, é ter o coração aberto  
Pra tudo quanto é generoso é bom!  
E' sentir longe, como se ouve perto,  
Da voz amada o commovente som!

Amar, é ter o coração aberto  
Pra tudo quanto é generoso é bom!  
E' sentir longe, como se ouve perto,  
Da voz amada o commovente som!

Amar, é ter o coração aberto  
Pra tudo quanto é generoso é bom!  
E' sentir longe, como se ouve perto,  
Da voz amada o commovente som!

### A FLOR QUE PASSA

I

Ter 6 annos, ser-lhe-vão as flores tão bonitas, e bonita como uma primavera que avorçoe!

Ella encosta-se a janella baixa da casa de tijolo, isolada a borda d'agua, entre as verdinhas combiantes das grandes liliacs, chloas azs, jessuis e de sel.

Não pensa não sonha, não segue com a vista a an-dromita que voa, gira e desaparece, não ouve o mur-murito fugitivo da agua.

Esta alli, sem saber prunje, vagamente feliz, absor-ta na inconsistencia que sou!

No meio da passagem, em a janella, ella despenpenha, sem dar por tal, a missão de ser uma graça, um en-canto ao lampião ignora e a adoravel, que e ne-cessaria ao delictoso conjunto d'uma manhã de pri-mavera, como a rosa ignora o seu desalbrachamento, co mo a lilia descombe o seu rythmo; e esse canto da natureza composto pelo agudo attico que combi-na os effeitos das ammas e dos prantos, ella comple-ta, sem que ninguém a reconheça ou a advirta, a mys-teriosa formosura das côras.

De repente, no momento em que se encurva na ja-nella, o vento arrebatou-lhe dos cabellos uma pequena roca sylvestre, atada a uma fita e atirou-a ao rio.

A rosa, presa a fita, desliza ao longo da corrente, entre a molhura verdejante dos salgueiros, uma bor-boleta posou na fita agitando as azas, e parte para uma longa viagem.

II

Toda a noite, em uma das pobres casas da cidade, um rapaz chorou apertado a cabeça com as mãos, martelando com os cotovelloz n'uma pequena mesa de pau, onde se veem muitas cartas abertas.

E os arrebos da madrugada que afugentam as som-bras no ceo, não extinguiram as tristezas do seu ulce-rado coração.

Levanta-se, passeia com a fronte contrahida, mor-dendo os labios.

E', pois, verdade! ella não o ama! Essa formosa ra-parica, em quem elle tinha todas as suas afeições, que lhe dava o espiamento da miseravel existencia, partiu para nunca mais voltar, partiu com outro! Depois de tantos momentos! De tantos beijos. E' o outro que ella ama amar e oferece os labios atada humida dos seus beijos, infam! Que sera d'elle a ora, só-nho sem esperança?

As pessoas ricas ou celebres que tem as considerações do lugar ou da gloria devem soffrer menos quando de repente os abandonam aquellas que adoravam.

Mas elle, pobre descomheido, não possuindo ami-gos nem familia, que ha de fazer das suas heras mu-tes, e qual sera o amanhã que possi apagar a amar-ga recordação do adoravel hantem?

Cada vez que pensa que não tem mais a vel-anem mu-xil a, que está indo acabado, que ella não voltara a esse pobre quarto, enchendo-o de deusas e de sorr-ros, atornosando-a e em a elegancia mundana da sua seda e dos seus perfumes, que nunca mais entre-verá amanhã através de um bocejo que era um desalbrachamento da rosa impregnado de doce aroma o travesseiro d'esse pequeno leito, hoje deserto; um furoz instiga o a quebrar os móveis, a deitar fogo as corti-nas, a morrer sobre as cruzes do passado.

Ao menos, não ficara nem mais um instante n'esse quarto tão quente e tão detestado.

Alfira a porta, saiu e fugiu através da cidade, ain-da adormeci a.

Contempla as janellas fechadas.

N'essas casas existem maridos e mulheres que se adoram, que não se atraçoam, que se mebram com os jubilos do amor correspondido.

O desgraçado que bate com os pés no chão, morde as mãos e corre, como que fugindo aos seus proprios pensamentos.

Chega às margens do rio que corte, muito fundo, entre a florescencia dos salgueiros.

Mas nem a lrescura da manhã, nem a alegria das verduras orvalhadas, nem o azul cheio de sol reanimam o pobre rapaz.

Contempla a agua por muito tempo.

Não pode desprezar os olhos da limpida superficie, lisa como a pedra de um tumulo.

Morreu! eis o pensamento que o absorve. Sim, mor-rei, por que não?

Morreu! eis o pensamento que o absorve. Sim, mor-rei, por que não?

Morreu! eis o pensamento que o absorve. Sim, mor-rei, por que não?

Morreu! eis o pensamento que o absorve. Sim, mor-rei, por que não?

Morreu! eis o pensamento que o absorve. Sim, mor-rei, por que não?

Morreu! eis o pensamento que o absorve. Sim, mor-rei, por que não?

Morreu! eis o pensamento que o absorve. Sim, mor-rei, por que não?

... e mais, em adma-se ao meu tranquepente, inundado de luz verdejante tanto acenando pelo mol. Mas, de subito, um pequeno objecto... desfilando a bor d'agua, attrahe-lhe a attenção... E' uma roca brava, atada a uma fita, tendo pommida, uma borboleta que via se latendo nas azas.

III

Não se atirou a agua. Apoiou a flor e a fita. Cantinha em seguida ao longo das margens do rio, contemplando a borboleta a pequenina rosa.

Porque! Não sabe, ella para ella, e por vezes be-lia.

D'onde veio a roca flor? De que juvenil cubera, de que fino corte sahiria?

Ah, uma se lhe que se lhe apparece esse alli, e pro-mo-mente para recordar-lhe que a vida vem sempre a amarga, e que se não deve por causa de uma peça no delicto no coração de verer das rosas ou das milho-ras.

Não ouso morrer n'essa a água onde ella passava. Mas o enternecimento durou pouco. Repelliu a voz que lhe aconselhava que viesse.

As rivas e as agulmas voltaram com mais intensida-de. A flor mentia como todas as flores e como todas as bocças.

E com o supremo gesto que diz adeus a miseria aos peripos, aos desesperos da terra, inclinou-se de novo para o rio.

Esta inabastavelmente resolvido: d'esta vez acabou-se tudo. Vae a despenhar-se.

Ah! a minha flor e a minha fita! diz uma voz infan-til e semelhante a um gorteio de ave.

Voltou-se, vê a janella baixa de uma casa de tijolo entre as verduras dos grandes blazes, uma menina en-costada, linda como a primavera, com os seus 16 an-nos, a sua calçaça loita, as suas finas faces cor de rosa.

— Essa flor pertence-lhe, minha senhora?

E no acto de restituirl-a, tocando a mão os peque-nos dedos que tremem, sente o coração seguir a flor e pensar, palpitante na fita que a enlaza, como um borboleta que parte, para uma longa viagem.

CATULLE MÉRIME.

### DOLORES...

La me a alma subtil tristezã,  
Um não sei de vago e de magoado, ...  
Toda de branco estavas a meu lado;  
Estava em luar a immensidade accessã.

Nuvens negras na larga correnteza  
Da luz sem desceendo... O contrastado  
Olhar teu me fitava demorado  
— Tinhas no labio uma pergunta presa.

— Que tens? — disse-te. Estremeci. Teu collo  
Da cor dos gelos virgineos do Polo,  
Tremia, arfava em languidos arquejos...

E se eu não disse porque então soffria,  
E' que essa historia ardente eu só podia  
Só podia contal-a ao som de beijos.

ANTONIO SALLIS.

### MOLDES



Temos a satisfação de communicar as nosas gentis assignações e leituras que, apezar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d' A Estacão, como de qualquer outro jornal.

Ha mais lions trinta annos temos nos incumbido de esse serviço, confiado-o sempre a penca de verdadeiras artífices em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais abilitadas, mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufama podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos venham dar liças de apuro e bom gosto, nem na abalidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos.

N. 51	Sala	1800
" 60	Sala	1800
" 60	Janella	1800
" 8	Sala de marmo	1800

Os recados não recebidos no escritório desta folha, hem como, a importancia que deve acompanhar o pedido.

Pelo correio mais se tem para o primeiro e 200 reis de mais para os que se seguirem.